

A Relação Professor-aluno Como Recurso Facilitador Na Aprendizagem e Desenvolvimento de Crianças no Contexto Escolar

Mateus da Silva Rufino¹
Nayara Naves²

RESUMO

Nesse artigo foi realizada uma revisão bibliográfica acerca da relação professor-aluno no contexto de sala de aula. Buscando compreender como pode colaborar positivamente para o desenvolvimento e o bem estar da criança na sala aula e como o professor, compreendo o seu papel de figura de apego, pode se utilizar do vínculo e da afetividade como instrumentos que auxiliam e potencializam a aprendizagem. O professor que entende o seu papel na relação-aluno, e enxerga o aluno de forma integral, pode ter um impacto benéfico na personalidade, no comportamento e no bem estar emocional e influenciar a mudança na maneira em que a criança conecta-se com si mesma, com os outros em sua volta e projeta a dinâmica das suas futuras relações. O objetivo foi o de buscar entender e descrever a relevância da relação professor-aluno, como ponto fundamental para desenvolvimento e aprendizado, tendo como base epistemológica a terapia do esquema.

Palavras-chave: Professor-aluno. Afetividade. Necessidades Emocionais. Vínculo. Terapia do Esquema.

1 INTRODUÇÃO

Vínculo é algo crucial na vida de todo indivíduo, não só para o seu desenvolvimento, mas para sua sobrevivência. Desde o ventre já é constituído um vínculo entre a criança e a mãe. Assim, a necessidade de se ter um vínculo para sobreviver e se desenvolver, vai se perpetuar durante toda a vida, em outros ambientes e com outras figuras. Dependendo da etapa do desenvolvimento e do ambiente, outras figuras de apego tornam-se cada vez mais importantes. Figuras, como por exemplo o professor, tem um papel importantíssimo no desenvolvimento de qualquer indivíduo. A escolar é o lugar que a criança permanece várias horas de seu dia e que há uma exigência natural de criar um vínculo seguro. Tendo uma figura de apego, em que ela tenha um vínculo, a criança terá mais segurança e confiança em explorar o ambiente, se desenvolvendo de forma saudável e se envolvendo de

¹ Acadêmico(a) do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Valparaíso de Goiás.

² Orientador(a). Docente do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera de Valparaíso de Goiás.

maneira mais intensa no modelo de aprendizagem proposto pelo professor e pela instituição.

Na sociedade atual, são muitos os fatores que auxiliam o desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança dentro da sala de aula. Indo desde uso da tecnologia, atividades lúdicas e formas diferentes e criativas de ministrar o conteúdo aos alunos. Há uma ênfase na sociedade e das instituições de ensino, em focar no aspecto cognitivo do desenvolvimento. Na própria formação de professor, o foco está em prepara-lo para ter domínio em como transmitir o conteúdo de uma forma que o aluno absorva facilmente. A relação do professor com aluno se resume à transmissão de conteúdo. Havendo uma negligencia no aspecto afetivo, que não só atrapalha o desenvolvimento, como também a aprendizagem no ambiente escolar. Há uma necessidade de enxergar a criança de maneira integral, valorizando todos os aspectos de sua individualidade, e a sala de aula como um ambiente de desenvolvimento não só cognitivo, mas emocional. Com isso, o que norteou a dinâmica na sala de aula não foi somente o conteúdo e a capacidade do aluno absorve-lo, mas a afetividade e a manutenção do vínculo da relação professor-aluno.

O presente trabalho buscou compreender e demonstrar como a relação professor-aluno, pôde auxiliar no desenvolvimento e na aprendizagem de crianças no contexto escolar. Tendo como base a terapia do esquema, teoria desenvolvida por Jeffrey Young, que oferece um modelo de personalidade, construção e manutenção do vínculo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

O presente trabalho tem como base metodológica a revisão bibliográfica, em que foram coletadas informações de materiais como livros, revistas, dissertações e artigos científicos. Para uso dos artigos científicos foram utilizadas as seguintes palavras chaves: relação professor-aluno, afetividade na educação e terapia do esquema. O período dos artigos selecionados foram os trabalhos coletados nos últimos 15 anos.

2.2 Resultados e Discussão

Não se pode falar em aprendizagem e desenvolvimento em sala de aula, sem levar em consideração o aspecto afetivo-emocional. Apesar do foco da aprendizagem e desenvolvimento em salas de aula hoje estar no aspecto cognitivo, não há como separar afetividade de cognitividade e para que haja efetividade no ensino e no desenvolvimento, ambas precisam andar juntas. Para Veras e Ferreira (2010, p.2) afetividade é um conjunto funcional abrangente que inclui sentimentos, emoções e paixões, sendo manifestações desenvolvidas ainda em estágios primitivos e que é fortemente influenciada pela ação do meio. A afetividade não é somente um auxiliar no desenvolvimento e na aprendizagem, mas parte integral e inquestionável do processo. É durante a infância, que a afetividade abre caminho para a cognição. De acordo com Fonseca (2016, p.367) só há êxito na aprendizagem se houver a incorporação da afetividade nas funções cognitivas, pois funções cognitivas como a aquisição de novas informações e novos conhecimentos, são mais facilmente desenvolvidas e construídas a partir de práticas e interações significativamente afetivas.

Da mesma forma, não há como falar de afetividade sem falar das emoções, que ainda para Fonseca (2016, p.370) são um impulso neurobiológico que prepara o organismo para situações, tarefas ou ações. As emoções guardam informações no cérebro a partir das experiências vividas pelo indivíduo, e usam essas informações para prever e se adaptar a situações futuras. Para Espedião et al. (2008, p.62) as informações que chegam ao cérebro são processadas por uma rota, indo em direção

às estruturas límbicas e para-límbicas para adquirir um significado emocional, direcionando-se, em seguida, para regiões específicas do córtex cerebral, permitindo a tomada de decisões, acionando o córtex frontal e pré-frontal. Souza e Salgado (2015, p.145) vão na mesma direção, afirmando que os eventos ou informações mais facilmente lembrados, são os que há um grande envolvimento emocional, visto que a emoção acompanha os acontecimentos que são considerados novos e importantes e direciona a atenção para esses eventos e acontecimentos, melhorando a consolidação do ocorrido na memória.

Nesse sentido, muitas vezes na sala de aula, o conteúdo é transmitido inutilmente, pois não é feita uma relação da cognição e da afetividade no aluno. O conhecimento absorvido acaba não tendo um significado emocional e a tendência é se perder e não se registrar nas memórias de longo prazo. Além disso, o interesse do aluno pelo conteúdo vai diminuindo, pois o ser humano tende a buscar por atividades que proporcionem bem estar e não que causem desconforto. Processar informação é um evento que envolve tanto a cognição quanto a afetividade. E apenas em um ambiente em que há segurança afetiva e um vínculo com uma figura de apego, sendo no ambiente de aula a relação professor-aluno como a principal ferramenta para o estabelecimento desse vínculo, que o cérebro humano pode funcionar de maneira plena.

Há muito tempo a relação professor-aluno vem sendo pesquisada e debatida e cada vez mais a sua importância está sendo ressaltada. Em um mundo que está constantemente mudando o papel do professor muda também. Hoje o professor não deve ser somente um transmissor de conhecimento – como era no passado –, mas sim uma figura educadora que constrói o conhecimento junto com o aluno (BELOTTI; FARIA, 2010, p.10). Mas educar, vai além de construir conhecimento, é proporcionar um ambiente em que o aluno possa desenvolver ferramentas emocionais para lidar com os desafios da vida e que possa se desenvolver emocionalmente. De acordo com De Paula e Faria (2010, p.7), educar é auxiliar o educando a desenvolver a percepção de si, das pessoas em sua volta e do ambiente em que está inserido, além de compreender o seu papel nesse contexto, sendo capaz de se aceitar como pessoa, bem como aceitar os erros e acertos do outro. É importante, também, fornecer recursos para que o educando possa escolher, dentre muitos, o seu caminho, levando em consideração seus valores, visão de mundo e dificuldades que possam surgir no

percurso. Educar é formar um indivíduo e na educação contemporânea não há como separar a aprendizagem da educação.

É certo que nem todo processo de aprendizagem é necessariamente educador, mas todo processo educacional envolve aprendizagem. A escola é esse ambiente onde o indivíduo se desenvolve como aluno, mas também como indivíduo e o professor é a peça mestre nesse processo, que ocorre desde o lar do indivíduo e deve continuar na escola (DE PAULA; FARIA, 2010, p.7). Mas para que esse processo educacional seja eficaz é necessário que se construa uma relação de apego entre professor e aluno, e a base dessa relação é a afetividade e o vínculo.

Sendo a afetividade, de acordo com De Paula e Faria (2010, p.7), estimulada através da vivencia, em que o professor-educador desenvolve uma relação de afeto com o aluno, tendo em vista que é necessário que ele tenha estabilidade em suas emoções para participar de metodologia de aprendizagem e o afeto é um instrumento eficaz para isso. Já o vínculo é um laço duradouro em relação ao outro, que é importante e diferenciado, em que há um desejo e esforço de manter e aumentar a proximidade. (ABREU, 2019, p.37; BOWLBY et al, 1989; AINSWORTH et al,1978). Os vínculos são bastante importantes para o desenvolvimento socioemocional infantil, uma vez que suprem as necessidades emocionais para o desenvolvimento, tais como: vínculos seguros (segurança, estabilidade, cuidado e aceitação); autonomia, competência e sentimento de identidade; liberdade de expressão; necessidade e emoções validadas; espontaneidade, lazer, limites realistas e possibilidade de autocontrole. A relação professor-aluno, baseada na afetividade e o vínculo afetivo, pode fazer com que o professor seja a única ou a mais importante referência afetiva na vida da criança, fazendo da escola um local propício para o desenvolvimento (JAGER; MACEDO, 2018).

Assim, é evidente a importância da afetividade no desenvolvimento e a aprendizagem do aluno. A afetividade não somente como um instrumento para aprendizagem, mas como parte fundamental do processo. Mas para que haja afetividade no contexto da sala de aula, é essencial que tenha um vínculo professor-aluno muito bem estabelecido, e para que possa ter o vínculo professor-aluno é preciso que as necessidades emocionais da criança sejam atendidas pelo professor. Cabendo ao professor observar quais necessidades emocionais não foram atendidas pelos cuidadores do aluno, para assim repará-las.

De certo a Terapia do Esquema, desenvolvida por Young e colaboradores, vem se mostrando um recurso bastante útil para o estabelecimento de vínculo e para identificar e reparar as necessidades dos indivíduos. Pois como afirma Jager e Macedo (2008, p.12), a Terapia do Esquema coloca as experiências infantis, com as figuras de apego no centro da formação da personalidade. A terapia do esquema é uma proposta de terapia integrativa, criada e desenvolvida por Jeffrey Young e colaboradores, que mescla elementos das correntes construtivistas, psicanalíticas, teoria do apego, Gestalt e terapia cognitiva comportamental. (YOUNG; KLOSE; E WEISHAAR, 2008, p.17).

Inicialmente Young desenvolveu um conjunto de técnicas e conceitos para lidar com pacientes com transtornos psicológicos crônicos e que não obtinham, por meio da terapia cognitiva comportamental, resultados satisfatórios no tratamento. Young, Klose e Weishaar (2008, p.40) definem um esquema como um conjunto de memórias, emoções, sensações corporais e cognições que se relacionam a um tema na infância, é uma maneira enraizada no inconsciente de interpretar o mundo, as pessoas e a si próprio, sendo a cura do esquema a finalidade última da terapia do esquema. O foco central da terapia do esquema é dar ao indivíduo estratégias cognitivas, comportamentais, afetivas e interpessoais para lutar contra os esquemas. E quando esses esquemas repetem padrões disfuncionais, a figura de cuidado na vida do sujeito (que pode ser os pais, professores ou terapeuta) usa, por meio da “recuperação parental limitada” um antídoto parcial criando um vínculo e reparando as necessidades não atendidas. Para isso é necessário que a figura de apego, sendo no contexto escolar o professor, leve em consideração o temperamento e supra as necessidades não atendidas do indivíduo.

Temperamento consiste de uma predisposição emocional herdada e inata, que influencia e tendencia a compreensão do indivíduo aos estímulos do ambiente (WAINER et al, 2016, p.17). Segundo Young, Klose e Weishaar (2008, p.26) os próprios pais, logo após o nascimento da criança, percebem facilmente a singularidade nos temperamentos. Algumas crianças são mais calmas outras mais enérgicas, algumas são mais tímidas outras mais sociáveis, algumas são mais afáveis outras um pouco mais agressivas. O temperamento explica, também, o porquê, mesmo expostas aos mesmos traumas pessoas reagem, ao longo da vida, de maneiras diferentes. Por exemplo, duas crianças sofrem abusos físicos e morais do pai. A criança mais passiva, quando adulta, evita relacionamentos e qualquer

aproximação mais intima, temendo que pode ser novamente abusada. Enquanto a criança mais agressiva, quando adulta, não teme se relacionar, mas dessa vez se torna abusador. Não só isso, o temperamento determina a quantidade ideal das necessidades emocionais básicas de cada pessoa em cada etapa do desenvolvimento. De modo que, dependendo do temperamento, uma criança necessitará de mais afeto enquanto outra necessitará de limites afetivos (WAINER et al, 2016, p.16).

Para isso, no contexto da sala de aula, é necessário que o professor identifique o temperamento do aluno. Pelo fato de ser um comportamento inato, o temperamento informa ao professor como o aluno responderá aos estímulos do ambiente. Sendo assim, o aluno não escolhe se será tímido ou sociável, ansioso ou calmo, irritável ou alegre, é simplesmente a maneira como ele é. Portanto, cabe ao professor identificar, aceitar a natureza do aluno e trabalhar a sua dinâmica com ele levando em consideração o seu temperamento. Ou seja, a dinâmica do professor com um aluno que tenha o temperamento tímido, não poderá ser o mesmo com um aluno que tenha o temperamento sociável. Ambos respondem de forma diferente aos estímulos, têm níveis de energia diferentes e, dependendo do ambiente, o sentimento de estar no local é sentido de formas diferentes. Young, Klose e Weishaar (2008, p.89) afirma que os temperamentos apesar de terem seus problemas, apresentam também vantagens. Com isso, compete ao professor, não só aceitar o temperamento do aluno, mas incentivá-lo a aceitar, também, o seu próprio comportamento. Ajudar o aluno a aceitar sua natureza, é esclarecedor para o mesmo, pois é um recurso que pode ajudá-lo a entender como ele reage a certos eventos de sua vida.

Outro fator são as necessidades emocionais fundamentais. Todos os indivíduos, de forma universal, apresentam necessidades emocionais fundamentais, alguns mais outros menos, mas todos carecem que suas necessidades emocionais sejam satisfeitas, pelos seus cuidadores. Young, Klose e Weishaar (2008, p.17) postula cinco necessidades emocionais fundamentais: 1) Vínculo seguro com outros indivíduos; 2) Autonomia, competência e sentimento de liberdade; 3) Liberdade de expressão, necessidades e emoções validadas; 4) Espontaneidade e lazer; 5) Limites realistas e autocontrole. Cabe ao professor avaliar quais necessidades emocionais dos alunos não foram ou não estão sendo satisfeitas pelos cuidadores do mesmo. O professor pode usar questionários, exercícios, histórico de comportamento e histórico familiar, mas a melhor forma para identificar e reparar quais necessidades não foram

ou não estão sendo satisfeitas é com a própria relação professor-aluno, adaptando seu tratamento e manejo de acordo com cada necessidade.

Por exemplo, se o aluno tem a necessidade emocional de formar vínculos seguros, o mesmo teria um medo maior do abandono, uma ansiedade maior quando está distante de uma figura de apego e dependendo do seu temperamento, pode ter uma maior resistência em estabelecer vínculos. Nesse caso, o professor deve ter uma postura estável, transmitindo sinceridade, honestidade e confiança e proporcionando um ambiente de empatia, cuidado e orientação. Pode ocorrer de o aluno ter a necessidade emocional de autonomia, competência e sentimento de liberdade, nessa situação ele tende a se sentir incapaz de dar conta das tarefas cotidianas, há um medo eminente de algo dar errado ou de fracassar, fazendo-o bastante dependente de outras pessoas. Com isso, o professor deve incentivar o aluno a tomar suas próprias decisões, proporcionando um ambiente de calma e segurança para o aluno. Ademais, é possível que o aluno tenha a necessidade emocional de liberdade de expressão e emoções validas, sendo propenso a se sentir, falho, desajeitado, mal, e dependendo do temperamento, buscar sempre a aprovação dos demais. Cabendo ao professor, ser menos controlador, mais flexível e acolhedor, buscando promover um ambiente em que o aluno tenha liberdade para se expressar. O aluno pode, também, ter a necessidade emocional de espontaneidade e lazer, essa necessidade não sendo suprida faz com que ele suprime os seus sentimentos e impulsos, felicidades e momentos de lazer, a fim de cumprir regras internalizadas. Com esse aluno, o professor deve incentivá-lo a se expressar de forma espontânea e deve promover um clima equilibrado, valorizando os momentos de diversão. Por outro lado, se o aluno tem a necessidade emocional de limites realistas e autocontrole o seu comportamento tende a ser mais impulsivo, dependente e indisciplinado, não respeitando regras e buscando sempre que as suas necessidades sejam satisfeitas pelos seus cuidadores. O que requer do professor uma postura firme ao estabelecer limites, transmitindo para o aluno um modelo de autodisciplina e auto controle. Proporcionando um ambiente de recompensa, sempre que o aluno demonstrar evolução nesses recursos (YOUNG; KLOSE; WEISHAAR, 2008, p.181).

3 CONCLUSÃO

Considerando o objetivo proposto que foi o de apresentar os benefícios da relação professor aluno e da afetividade no ambiente escolar, conclui-se que um vínculo afetivo, bem estabelecido, entre professor aluno, gera reflexos positivos na aprendizagem, na fixação do conteúdo proposto, na segurança da criança em explorar o ambiente na sala de aula, bem como é um reparador das necessidades emocionais das crianças, assegurando não só uma aprendizagem eficaz, mas também um desenvolvimento cognitivo e socioemocional eficaz.

Com essa finalidade, o professor deve estar ciente do papel que desempenha como figura de apego e que o aluno o terá como modelo, tanto quanto tem os pais. Nesse sentido, a Terapia do Esquema mostra-se eficaz como base epistemológica e antropológica, uma vez que integra as experiências do indivíduo na infância com as bases cognitivas comportamentais mais atuais, tornando-se uma ferramenta útil para o desenvolver e potencializar a aprendizagem das crianças de forma integral, sem negligenciar nenhum de seus aspectos.

Entre as dificuldades para desenvolver o vínculo afetivo entre professor-aluno visando o desenvolvimento e aprendizagem na sala de aula, estão as condições de trabalho oferecidas aos educadores. Tais profissionais se apresentam cada vez mais esgotados emocionalmente e com poucos recursos para realizar o seu trabalho, olhando para a afetividade e o vínculo como algo periférico. Bem como, a própria formação de educador que tende, em sua maioria, a priorizar o conteudismo, transformando o educador em uma figura que somente transmite conteúdo para o aluno e este apenas como uma figura que recebe conteúdo do professor.

Em suma, reparar as necessidades emocionais do aluno, fundamentado na relação professor-aluno é uma maneira eficiente de criar afetividade no ambiente escolar. Se o aluno conseguir enxergar no professor essa figura, que não só transmite conhecimento, mas que também deseja o seu bem-estar, o seu aprendizado e desenvolvimento poderão a se acentuar, pois o ambiente escolar se tornará um lugar mais agradável.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano. **Teoria do Apego**: Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2019.

BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação professor/aluno. **Revista eletrônica saberes da educação**, São Paulo, v.1, n.1, p.01-12, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/salua.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2022.

DE PAULA, Sandra Regina; FARIA, Moacir Alves de. Afetividade na aprendizagem. **Revista eletrônica saberes da educação**, São Paulo, v.1, n.1, p.01-09, 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/sandra.pdf>. Acesso em 1 nov. 2022.

DE SOUSA, Aline Bastista; SALGADO, Tania Denise Miskinis. Memoria, aprendizagem, emoções e inteligência. **Revista Liberato**, Novo Hamburgo, v. 16, n.26, p.141-152, 2015. Disponível em: <http://pce.liberato.com.br/index.php/revista/article/view/363/23>. Acesso em 12 abr. 2023

ESPEDIÃO-ANTONIO, Vanderson et al. Neurobiologia das emoções. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo, v.35, n.1, p. 55-65, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/t55bGGSRMsvTgrbWvqnPTk/?lang=pt> . Acesso em: 12 abr. 2023

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: Uma abordagem neuropsicopedagoga. **Rev.psicopedag**, São Paulo, v.33, n. 102, p.365-384, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014 . Acesso em 10 abr. 2023

JAGER, Marcia Elisa; MACEDO, Jessica Cruz. Relação afetiva professor-aluno e esquemas iniciais desadaptativos em crianças pré-escolares. **Revistas brasileiras de terapias cognitivas**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.11-20, jun/2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872018000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em 1 nov. 2022.

VERAS, Renata da Silva; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em revista**, v.26,n.38, p. 219-235, set/2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/mFY9kNRcyMxMVzRKpwBCJLN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2022.

WAINER, Ricardo. et al. **Terapia cognitiva focada em esquemas**: Integração em psicoterapia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

YOUNG, Jeffrey; KLOSKO, Janet. **Reinvente sua vida**. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2020.

YOUNG, Jeffrey; KLOSKO, Janet; WEISHAAR, Marjorie. **Terapia do Esquema:** Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras. Porto Alegre: Artmed, 2008.